

Entrevista

Maria Alzira Brum

Recebido em: 10/07/2019
Aceito para publicação em: 19/07/2019

Cerrados– Para começar, uma pergunta direta sobre a situação de escritora dividida (ou multiplicada) entre Brasil e México. Desde quando você transita e escreve entre os dois países? Como essa condição interfere na sua produção, principalmente a mais recente?

Maria Alzira Brum– Mais que entre dois países gosto de pensar em estar entre, ou seja, numa situação de aprendizagem constante. O México, como um patrimônio cultural a ser vivido, expandido, incorporado, no sentido mesmo de ter neste lugar, físico e simbólico, meu corpo, e meu corpo criativo, passou a existir em 2008. Antes disso, eu morei na Espanha e desde a adolescência tinha muito interesse nos processos que configuram a “América Latina” como um lugar de encontros conflitantes de diferenças conectadas por um idioma, o espanhol, que se tornou transversal. O espanhol hoje, por ser falado em tantos países e tantos matizes, funciona como uma transversalidade por onde passam elementos de culturas originárias, do barroco, de expressões como o *spanglish*, o “*portuñol*” e uma ampla gama de elementos e alcance em termos de territórios e falantes. O chamado *boom* da literatura hispana levou esta condição ao mercado, utilizando uma rede de difusão formada pelas universidades, pela imprensa e pelas instituições. Criou com isso um “nicho” chamado “literatura latino-americana”. Embora tenha recebido influência, principalmente, de alguns escritores do *boom*, minha reflexão-ação nasce permeada pelos meios digitais e pelas diferentes configurações de apropriações, usos e compartilhamento da ficção e da literatura em geral e, claro, pelo fato de ter sido educada no ambiente da brasilidade, ou seja, numa convergência de valores, estéticas, costumes em parte convergentes e em parte divergentes da tradição hispana, mas com conexões com esta. Então dividida e multiplicada define mais ou menos não apenas minha condição, como pessoa, escritora, pequena pensadora, como também talvez a condição de todos nós numa sociedade ao mesmo tempo muito segmentada e dividida como conectada. Morar parte da minha vida no México interfere principalmente na minha produção no sentido de que não acredito em literatura nacional, mas em literaturas num sentido muito amplo, de saberes e práticas que concebem o texto como transversalidade. A criação, dizem, sempre se dá numa língua estrangeira. Barthes já chamou a atenção para isso quando falou na “morte do autor”. Pessoalmente, eu me sinto muito agradecida por ter tido a oportunidade de realizar no México, e na América hispana, um trabalho que não consegui fazer no Brasil por muitas razões. Agradecimento, afeto, sensação de acolhimento. E, ao realizar ali uma obra, ter a possibilidade de aprender, construir um mundo, literal e literário. Então, além de dividida e multiplicada, podemos falar em novas conexões, novas sinapses. Em mudar conceitos arraigados, como o de literatura nacional como um nicho de mercado ou uma marca. No México construí minha escola, no sentido grego, a Oficina-Laboratório de criação e desenvolvimento de textos, que já completou 6 anos e passou por diversas fases. De fato quem fica na escola sou eu, sou eu que permaneço no lugar de aprendiz. E fico feliz, por exemplo, por estar respondendo esta

entrevista em Portugal, convidada para um encontro de escritores em que apareço no programa como sendo do México. Claro que não substituímos identidades. É muito mais complexo que isso, misturamos, sobrepomos, reconstruímos. Nem acredito na identidade ou no identitário. Meu pensamento vai sempre em direção às conexões, às misturas, aos processos e não ao fixo, ao acabado e definido. Escrevo meus textos às vezes em português, às vezes em espanhol. Seja como for, o resultado é uma montagem de elementos linguísticos, biográficos, inventados etc. E, sem dúvida, o que me interessa mais é o gesto de montar, de transformar.

Cerrados– Ao ler algumas das resenhas aparecidas no México e no Brasil sobre seu primeiro livro de ficção, *A ordem secreta dos ornitorrincos* (2008), é possível perceber uma clara diferença na forma como a obra foi recebida num país e em outro. É possível lançar alguma hipótese sobre essa diferença? Acha que ela pode ser um sinal do distinto papel que exerce a crítica literária num país e em outro?

Maria Alzira Brum– Também percebo esta diferença, mas não tenho uma hipótese acabada. Talvez o fato de que haja mais países em que se fala e usa o espanhol faça com que os leitores estejam acostumados a uma variedade muito maior de modos de fazer literatura. Isso pode fazer com que haja mais capacidade de aceitar com naturalidade diferentes tipos de literatura. O fato de eu não fazer o que estava na moda no Brasil na época (estar na moda é terrível, uma forma de se cristalizar. As modas passam, a gente usa algo mas segue. Prefiro ser contemporânea), não saber fazer blogs nem me autopromover e não ter um diálogo produtivo-criativo com os grupos mais influentes de escritores e críticos, apensar de conhecer a maioria deles e manter relações amigáveis, pode ter influenciado também. Seja como for, tenho uma dificuldade com o que chamo de corporação literária, o mercado e a autopromoção. Quem promove meus livros em espanhol é uma rede afetiva e de aprendizagem mútua. Talvez as coisas que escrevo não agradam aos que dominam os espaços cada mais reduzidos da literatura de mercado e oficial. Talvez, talvez, talvez. Só recentemente tenho conseguido isso no Brasil, por exemplo, com a criação e realização de eventos como o “Américas transitivas”, em 2017, que expôs uma série de questões e processos a partir de uma perspectiva aberta e que serviu, ao mesmo tempo, como experiência de aprendizagem para os criadores-curadores. Seja como for, o que faço é para esta rede. Vou construindo um mundo em que gosto de estar.

Cerrados– No bilíngüe *Amostra tátil*, de 2017, o primeiro fragmento do livro leva o título de *Jardines en casa ajena: experiencias y experimentos en literatura y bilingüismo*.

Nele, há uma afirmação, em determinada passagem, a respeito da importância das redes de interlocução, inclusive digitais, para além do que é denominado como mecanismos tradicionais de autorização. Como pensa a importância desse tipo de rede diante das estratégias massivas de produção do mercado literário?

Maria Alzira Brum – Acho que em 2005 escrevi, com Hernani Dimantas e João Winck, um artigo em que falávamos que a internet potencialmente continha ao mesmo tempo a possibilidade do totalitarismo e de uma sociedade mais horizontal em termos de comunicação. Seja na internet ou fora dela, apostei e aposto, sem criticar quem faz de outro jeito, nas redes afetivas, nos interesses compartilhados e na possibilidade de conversar com diferenças usando como transversalidade não ideias pré-concebidas, mas ideias co-criadas nos processos de convivência. É complicado opor ou ingenuamente pensar numa substituição de modelos. O progresso, como linearidade progressiva, é uma metaficção da modernidade. Eu me interesso e sigo a macropolítica, sou de esquerda no sentido que talvez Deleuze haja explicado bem, mas meu foco está nas micropolíticas. Tudo muda, tudo se conecta. E nós somos conexão. Estamos em rede com os humanos, animais, objetos, com o universo todo. E desde este lugar pequeno acho que posso mudar e mudar-me. Quanto ao mercado literário hoje, é muito mais complexo porque convivem diferentes modelos. Também há muitíssima produção em relação ao que se pode consumir. Alternativas como micro-tiragens, livros de autor, entre outras, tentam viabilizar a questão do valor do livro como objeto de troca. Acho que a questão do valor e da troca de objetos tem um enorme significado para nós e que é urgente substituir o modelo vigente, baseado na destruição de recursos, potencialidades e futuro. Por isso opero em rede, as soluções, embora imperfeitas e parciais, estão nascendo destas conexões. Não defendo o livro de papel como único suporte inteligente ou possível para a continuidade da criação escrita ou com a palavra. Esta posição tem muito de conservadora, no sentido de que se sustenta na crença imposta pela modernidade. Pode ser que seja válida, mas as coisas mudam e, sem otimismo ingênuo, cabe questionar a máxima aristotélica de que toda mudança é para pior.

Cerrados– Em *Ensaio para não morrer na praia (fragmentos)*, também de 2017, é possível ler: “Problema: certa noção, bastante difundida, de que desde o latino-americano, e também desde o ‘feminino’ ou outras perspectivas de classe, gênero, aparência, idade cronológica, não se pode criar pensamento, ou seja, construir teorias, ou em linguagem acadêmica, métodos e paradigmas”. Sugere-se ali substituir este “problema” por “outro problema”. Em vista da formulação de uma poética literária própria, em que radica a sua opção por fugir das classificações assentadas? Em que medida noções como as de “latino-americano” ou “feminino” se opõem às suas propostas estéticas?

Maria Alzira Brum – As categorias não são rígidas. Quanto tomamos um ponto de vista, excluimos outros, que também são válidos. Somos muitas coisas ao mesmo tempo e a prática da literatura é uma forma de mexer com outros eus possíveis e mesmo, ou principalmente, não eus. Mas não se opõem. São tão conflitantes como complementárias. E a proposta estética é também mutante. Ela existe principalmente para o leitor, a leitura é um ato criativo. Coincido com você no sentido de que o que faço não reafirma identidades, clichês, modos estabelecidos de fazer ou entender literatura. Vou pelo erro, pela errância também. É um projeto? Uma proposta? Um estilo? Talvez, talvez, talvez. Mas sinto mais como um caminho.

Cerrados – A figura da travesti, que aparece também em *Ensaio para não morrer na praia (fragmentos)*, poderia ser lida como uma metáfora da condição híbrida do escritor entre países e gêneros?

Maria Alzira Brum– Poderia sim. Para mim o gênero é só a maneira como o texto se veste para ir a determinado lugar. Porque um texto é principalmente uma virtualidade. O travesti é uma figura reincidente em meus textos (*A Ordem Secreta dos Ornitorrincos*, *Ensaio para não morrer na praia* (do qual só se publicaram fragmentos), *O sonho da jaula própria* (em processo). Assim como os gêmeos, os animais e outros. Acho que aparecem como forma de abordar as potencialidades, as virtualidades, mais além do conceito de gênero, personagem, narrador, autor etc.

Cerrados– Pediria para você comentar um pouco sobre a importância da sua estadia na Residência de Artistas Iberoamericanos na cidade do México, entre 2009 e 2010, e sua relação nesta ocasião com Mario Bellatin.

Maria Alzira Brum– Mario Bellatin me apresentou México, me levou até lá em 2008. Ele é superimportante para mim. Seu ponto de vista marcou e continua marcando uma trajetória. Eu lhe sou imensamente grata. Quanto à bolsa para criadores iberoamericanos, foi em 2009 e foi uma oportunidade para escrever um livro que ficcionalizava aspectos do México e da própria convivência de 40 artistas, cada um com um projeto, uma visão e um ponto de partida diferentes num coletivo montado pelos organizadores. Esta experiência gerou *Novela souvenir*, um texto muito performático, que eu gosto muito, porque revive a cada lançamento, como uma celebração que se repete mas que a cada vez é diferente. Brinquei aí com os temas da festa, do eterno retorno, do tempo. De fato estas duas experiências, trabalhar e conviver com Mario Bellatin e, depois, com diversos criadores iberoamericanos, marcaram muito minhas primeiras experiências com o México.

Cerrados– Como vê hoje a situação dos círculos de interlocução entre os escritores brasileiros e mexicanos nos dois países? Para onde pende a balança em termos de interesse e conhecimento? Quais novos autores e agentes chamam a sua atenção?

Maria Alzira Brum– Há diferentes mediadores que atuam no sentido de promover obras: academia, mercado, editoras, os próprios autores, que se reúnem em redes pela internet e também presenciais, o Estado. Estas maneiras de intermediar convivem e definem o que vai ser lido, conhecido, quem será convidado a este ou àquele evento. Às vezes coincidem, na maioria das vezes não. Aí intervém a questão do poder político, intelectual, econômico, mas também a capacidade dos mediadores “independentes” (o termo é impreciso, mas serve provisoriamente). No caso mexicano o Estado ainda define muito o que vai ser conhecido fora do país. O peso do Estado brasileiro é bem menor. A academia tem mais peso. Não dá para dizer para que lado pende a balança. Penso que a tendência é que se mantenha esta multiplicidade de meios, dos mais tradicionais aos mais exóticos. E que isso é positivo, porque os que “não estamos” também estamos. Cada literatura cria sua própria maneira de chegar a um leitor.

Cerrados– Qual a importância da sua atividade tradutória do ponto de vista criativo? Em que medida tradução e criação se complementam para você?

Maria Alzira Brum – Embora sejam atividades diferentes, escrever é também traduzir em “outra língua” reflexões, momentos, paisagens internas e externas. A diferença está principalmente em que quando se traduz o outro, aquele que escreve já está lá. É necessário incorporá-lo de alguma maneira, entrar em seu ponto de vista. Traduzir também é uma ferramenta para entender como funcionam os processos de criação de cada obra. No meu caso, especialmente, é parte da minha formação. Embora isso seja cada vez menos frequente.

Cerrados– Você poderia falar um pouco sobre as oficinas literárias que você costuma ministrar? Qual é o princípio que norteia seus interesses nessa área?

Maria Alzira Brum – Comecei oficialmente com a Oficina–Laboratório de criação e desenvolvimento de textos há uns seis anos. Nesta época sonhava repetidamente que tinha que voltar à escola. Embora os sonhos fossem diferentes, a situação que colocavam era a mesma: voltar à escola. Nesta época também sentia a pressão econômica. Eu nunca quis ter emprego fixo e isso, embora tenha me dado experiências valiosas, era fonte de

instabilidade. A oficina surgiu com o objetivo de ser minha escola no sentido grego. Comecei com experiências com livros coletivos. Nestes trabalhos coletivos. Nestas oficinas criávamos, escrevíamos, ilustrávamos, ilustrávamos editávamos livros artesanais ou semiartesanais. Nestas experiências, as contribuições dos participantes passavam por várias intervenções. A minha definia o resultado final como uma das possibilidades literárias e editoriais do material. Então, além de um exercício de valorização das experiências, da criação e das habilidades de cada participante, o resultado era uma obra a várias mãos que, para os que desejassem, funcionava como uma “oficina”, na medida em que não apenas possibilitava uma experiência com a autoria e o processo de feitura do livro como dava ferramentas para uma compreensão do texto literário mais além de gêneros ou clichês. Comecei depois a assessorar trabalhos individuais, um híbrido de psicanálise com orientação de tese (embora muito diferente tanto de uma quanto de outra). A partir de cada ideia ou material, criávamos um método ou programa que incluía leituras, contato com modos de criar não literários e até exercícios de meditação e concentração. A cada projeto correspondia um material e um “método” diferente. A partir do trabalho com Julia Wong, escritora sino-peruana, mudei a orientação da oficina. Hoje está dirigida à discussão e criação em diálogo com artistas com trajetória. Acabamos um projeto com o artista visual e escritor uruguaio Rafael Juárez e estamos trabalhando a 4 mãos um livro ou objeto estético com Dani Umpi, multiartista também uruguaio radicado na Argentina. Todos saem da oficina ao terminar os projetos. Eu fico. De certa maneira sou a criança que continua sempre na escola. Considero que tudo o que faço se inclui nesta escola, por exemplo, os cursos autorais que dou em universidades, as performances etc. Não sonhei mais que tinha que voltar à escola. Continuo nela, mas de uma maneira criativa, como caminho.

Cerrados– Por fim, o ano passado você publicou (*Gx2*) *Realidade Total*. Como esse romance dialoga com sua produção ficcional anterior, e especificamente no que se refere ao tipo de poética híbrida e sincrônica que você vem construindo desde seus primeiros títulos?

Maria Alzira Brum – A produção e a edição não correspondem a etapas. No meu caso posso levar anos trabalhando em projetos diferentes ou juntando anotações, imagens etc. para formar conjuntos intercambiáveis entre si. Cada livro pode combinar-se com os outros, misturar-se e inclusive repetir fragmentos. Mesmo quando se trata de ensaios ou textos teóricos, talvez esta seja minha marca. (*G x 2*) *Realidade Total* é um jogo com a loucura, com a própria literatura entendida como a proposta de uma charada. E também uma forma de abordar a loucura, a arte conceitual e utilizar objetos, valores e elementos populares como centrais no processo de linguagem e não apenas como referências

temáticas ou sociais. Diferentemente da literatura hispana contemporânea, eu uso muito o humor, mais comum na literatura brasileira e na hispana mais antiga. Como em todos os meus textos, trabalhei muito composição, montagem. Meu processo criativo não passa só pelo literário. Embora o resultado seja um texto, eu considero que é mais um jogo de armar em que os leitores e leitoras são cúmplices criativos. Não faço entretenimento, mas proponho que brinquemos e joguemos. Não escolho este modo de fazer. Seja como for, de outra forma a escola, ou o caminho, seria muito chata.

Brasília–Cidade do México–Madri
junho de 2019.